



MEMÓRIA, HISTÓRIA E NARRATIVAS: A REMEMORAÇÃO DO 11 DE SETEMBRO NO TWITTER

MEMORY, HISTORY AND NARRATIVES: REMEMBERING
THE 09/11 ON TWITTER

MEMORIA, HISTORIA Y NARRATIVAS: REMEMORACIÓN
DEL 11 DE SEPTIEMBRE EN TWITTER

Rosalí Maria Nunes Henriques

■ Doutora em Memória Social pela Unirio e doutoranda em História pela Universidade Nova de Lisboa. Pós-doutora pela Universidade de Coimbra, bolsa Capes, processo nº 88881.170144/2018-01. .

■ E-mail: E-mail: rosalih@gmail.com

Christina Ferraz Musse

■ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seus trabalhos mais importantes são os livros *Imprensa e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora* e *Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora*.

■ E-mail: cferrazmusse@gmail.com.

130



RESUMO

As redes sociais vieram modificar as relações das pessoas com a memória, pois possibilitam que fatos históricos sejam constantemente lembrados através de suas plataformas virtuais. O *Twitter*, por exemplo, torna-se um lugar de rememoração e virtualização da memória *online*. Mas o que dessa rememoração *online* é fato verdadeiro ou imaginado? Como as lembranças e esquecimentos sobre o 11 de setembro, por exemplo, podem nos explicar os mecanismos da memória na *internet*? A partir da análise de comentários num perfil do *Twitter* discutimos os conceitos de história, memória e narrativa na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA; HISTÓRIA; 11 DE SETEMBRO; TWITTER.

ABSTRACT

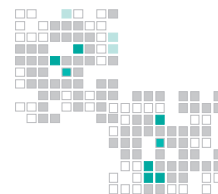
Social networks have changed people's relationships with memory because they enable historical facts to be constantly remembered through their virtual platforms. Twitter, for example, becomes a place for remembrance and virtualization of online memory. But what of this online recollection is true or imagined fact? How can memories and forgetting about 9/11, for example, explain to us the mechanisms of internet memory? From the analysis of comments in a Twitter profile we discuss the concepts of history, memory and narrative in contemporary times.

KEYWORDS: MEMORY; HISTORY; 09/11; TWITTER.

RESUMEN

Las redes sociales han cambiado las relaciones de las personas con la memoria porque permiten que los hechos históricos se recuerden constantemente a través de sus plataformas virtuales. Twitter, por ejemplo, se convierte en un lugar para el recuerdo y la virtualización de la memoria en línea. Pero, ¿qué pasa con este recuerdo en línea es un hecho verdadero o imaginado? ¿Cómo pueden los recuerdos y el olvido del 11 de septiembre, por ejemplo, explicarnos los mecanismos de la memoria en Internet? A partir del análisis de comentarios en un perfil de Twitter, discutimos los conceptos de historia, memoria y narrativa en los tiempos contemporáneos.

PALABRA CLAVES: MEMORIA; HISTORIA; 11 DE SEPTIEMBRE; TWITTER.



1. Introdução

Alguns eventos marcam a história de uma cidade, de um país ou mesmo do mundo. Um desses eventos, com certeza, são os atentados nos EUA, no dia 11 de setembro de 2001. Se você tem mais de 25 anos, provavelmente lembra o que estava fazendo nesse dia. Todos os anos, a mídia relembra os atentados e as redes sociais repercutem essas lembranças. E, em 2019, não foi diferente. Nos 18 anos dos atentados, vários internautas, perguntados no *Twitter* sobre o que faziam naquele dia, rememoraram os acontecimentos. Mas como um fato histórico¹ é relembrado por aqueles que lhe assistiram pela TV? O que é verdadeiro e o que é falso nas lembranças pessoais sobre o 11 de setembro? Quais os mecanismos de lembranças e esquecimentos, que alimentam a nossa memória? Qual o papel da *internet* e, principalmente, das redes sociais, nos processos de lembrança e esquecimento da história? Essas questões nos levaram a analisar postagens do *Twitter*, no dia 11 de setembro de 2019, com o objetivo de entender como os mecanismos de lembrança e esquecimento são reforçados na *internet*, e, principalmente, nas redes sociais.

2. A memória, a história e as narrativas

Quando se discute o conceito de memória, é preciso distingui-lo da história. Alguns autores trabalham esta distinção de forma clara. Entre eles, destacamos Pierre Nora, Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs. Pierre Nora (1984) distingue o relato histórico, os discursos da memória e as recordações. A história é uma produção racional dos acontecimentos do passado. Já a memória é sempre uma construção do passado, baseada nas experiências vividas e sempre a partir do presente. Portanto, a memória é permeada pela subjetividade, pois está enriquecida com as emoções de quem conta. Para Nora, memória e histó-

¹ Podemos definir o fato histórico como sendo um acontecimento que modifica e transforma a realidade social.

ria não são sinônimos, mas quase opostos, pois a história é a representação do passado, enquanto que a memória se enraíza, no concreto, no gesto e no objeto.

Já Jacques Le Goff trabalha o conceito defendido por Paul Veyne (1983, p. 14) de que a história “(...) é narrativa de acontecimentos: todo o resto daí decorre”, ou seja, a história é sempre uma narração. E, complementando o raciocínio de Veyne, Le Goff (2000) afirma que a história pode ter três sentidos: o primeiro deles seria a pesquisa das ações realizadas pelas pessoas, ou seja, a ciência histórica; o segundo sentido seria o objeto da pesquisa em si, ou seja, aquilo que as pessoas realizaram, e, por fim, a história seria uma narração. Nesse último sentido, ela está intrinsecamente ligada à memória. Mas história não é memória. “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas é, ao mesmo tempo, um de seus objetos e um nível elementar de elaboração histórica.” (Le Goff, 2000, p. 48). Jacques Le Goff defende que há duas histórias: a da memória coletiva e a dos historiadores. Para Le Goff, o distanciamento entre estas duas deve ser diminuído pelos historiadores de ofício e divulgado pela escola, pois “a história deve esclarecer a memória e ajudá-la a rectificar os seus erros”. (Le Goff, 2000, p. 30).

Para Maurice Halbwachs, é na história vivida, que se apoia a nossa memória. Para Halbwachs, a história não é só uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas, “mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros (...)” (1990, p. 60). Ao lado de uma história escrita, acrescenta ele, há uma história viva, que se perpetua através da memória dos grupos. Para Halbwachs (1990, p. 80), a história seria uma “(...) compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens”. Nesse caso, a história não é todo o passado, mas basicamente o que resta do passado. A história escrita, como aparece nos manuais, é dividida em períodos e

em sequências como atos de uma peça. Já a memória é seletiva, ou seja, nem tudo o que aconteceu é lembrado, mas somente aquilo que ficou marcado nas lembranças de cada um. No entanto, a memória coletiva de um determinado grupo é que torna a história mais verossímil, pois “l’histoire n’est accessible que par la mémoire. Mémoire collective et symbolique sous forme d’écrits, de signes, de traces qu’il s’agit de conserver, de traduire, d’interpréter”² (Gaulejac, 1988, p. 7).

Neste sentido, Lucília Neves (2000) afirma que a memória e a história são processos sociais, inseridos nas experiências individuais e coletivas das pessoas. Para Neves, é possível estabelecer duas formas de relação entre memória e história: a memória como fonte do saber histórico e, numa segunda forma, a história pode assumir uma dimensão erudita, alijando a memória de seu papel fundamental, no processo de construção de um determinado saber histórico. No entanto, Peter Burke (1992) nos alerta para a simplificação da relação entre a memória e a história, quando dizemos que a memória reflete o que realmente aconteceu.

A palavra memória evoca ao mesmo tempo lembrança e esquecimento. As sociedades necessitam do esquecimento, tanto quanto da memória. Para Marc Augé (2001, p. 27): “É preciso saber esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera, mas a própria memória tem necessidade do esquecimento: é preciso esquecer o passado recente para reencontrar o passado antigo”. Para Augé, a relação entre memória e esquecimento é a mesma relação que existe entre a vida e a morte, pois uma precisa da outra para a sua própria sobrevivência. “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto”. (Augé, 2001, p. 27).

Michael Pollak também alerta para a necessi-

2 - Tradução livre: “A história só é acessível pela memória. Memória coletiva e simbólica sobre a forma de escrita, signos, traços que ela conserva, traduz e interpreta”.

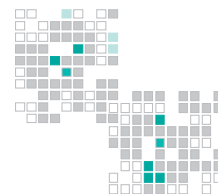
dade de lembrar e esquecer. Sem o esquecimento, não há memória. Se, como Funes, lembrássemos de todos os detalhes de todos os dias em que vivemos, estaríamos fadados a viver apenas para lembrar e não para viver³. Lembrar é importante, mas é importante também o esquecimento. E, nesse sentido, a memória necessita de enquadramento constante, ou seja, necessita de manter a coesão interna. Mas “todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente” (Pollak, 1989, p. 7).

Para Walter Benjamin (1994), a história é uma narração e o cronista é o narrador dessa história. Ele diferencia o cronista do historiador, pois o historiador é obrigado a explicar os acontecimentos, não podendo simplesmente narrá-los. Para Benjamin, a reminiscência está na origem das narrações. É a reminiscência que cria a rede que todas as histórias constroem entre si. Para Benjamin, a reminiscência é como Sherazade⁴, a personagem que, habilmente, fazia cada história encadear uma nova história.

Em relação ao papel do historiador nesse processo, Marc Bloch (1974), em sua obra *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*, já alertava para o fato de que o historiador é, antes de tudo, um observador dos fatos históricos, mas com um papel fundamental nesse processo: o de relatar as memórias das pessoas. O papel do historiador é o de ser um escriba, registrando os fatos ocorridos em seu entorno. Nesse sentido, a forma como a história foi sendo narrada, ao longo dos tempos, ganhou uma nova dimensão com o surgimento

3 No conto “Funes, o memorioso”, de 1944, o autor argentino Jorge Luís Borges conta a história de um homem que, após uma queda de um cavalo, passa a lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Esta situação leva a um esgotamento de Funes, pois ele não consegue descansar a memória.

4 Sherazade é a personagem dos contos persas *As mil e uma noites*, que usa o atributo de ser exímia contadora de histórias para seduzir o marido e fazê-lo se esquecer da promessa de matar cada esposa, depois da noite de núpcias, como forma de se vingar de uma traição.



do conceito de memória coletiva e memória social. A memória deixa de ser entendida apenas como uma capacidade de lembrança e passa a ser fator de coesão social.

Walter Benjamin defende que as narrativas orais se baseiam muito na experiência que é passada de pessoa a pessoa, ou seja, nossa história não é somente o que narramos e o que lembramos de nossa vida, mas também de outras vidas, que se entrelaçam com a nossa trajetória: as histórias de nossos antepassados, que nos foram narradas por nossos pais, tios e avós. Para Benjamin (1994), as melhores narrativas escritas são aquelas onde não há distinção entre a oralidade e a escrita, pois elas alimentam a tradição oral. Gagnebin (1994) afirma que, no entanto, ao fazermos uma análise apressada do texto *O Narrador*, de Benjamin, ficamos com a ideia de que ele vaticina a morte da narrativa, mas o que Benjamin reforça é a sensação de apagamentos dos rastros, sensação advinda daqueles que estiveram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Segundo Gagnebin (1994), Benjamin faz uma diferenciação entre a palavra *Erfahrung* (Experiência), que se opõe à palavra *Erlebnis* (Vivência). As narrativas para Benjamin são parte da nossa experiência e a vivência nos permite deixar os rastros de nossa existência.

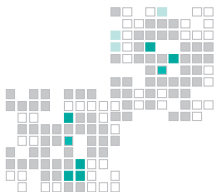
Na contemporaneidade, é indispensável completar essas reflexões, partindo da hipótese de que habitamos um “bios midiático” (Sodré, 2002), isto é, nossa percepção do mundo, cada vez mais, depende daquilo que lemos, ouvimos ou vemos na mídia. Desta forma, nossa memória é construída não só pelo que intercambiamos em nossas experiências pessoais, na casa, na escola, e na vizinhança, mas, em especial, pelo que assistimos no rádio, na TV, na internet, ou lemos em impressos. A circulação da informação tem também, na atualidade, um novo componente. A audiência, a partir da possibilidade da interatividade da *web 2.0*, é ativa, isto, é, o receptor pro-

duz conteúdo e disputa espaço de atenção com as mídias tradicionais. Ao se reapropriar de uma mensagem, ele a ressignifica, criando uma cadeia de difusão de informações, em que a fidelidade ao fato original parece ser o que menos importa. Algo que relembra aquela brincadeira infantil do “telefone sem fio”: a primeira palavra ou frase relatada nunca é a mesma que chega ao ouvinte do final da fila.

Assim, as memórias são construídas não apenas pela tradição dos ancestrais ou os relatos dos viajantes, que poderiam, na atualidade, ser identificados como os âncoras e os repórteres, por exemplo, mas a partir da circulação dessas memórias, em especial, nas redes sociais. Este tipo de rememoração é contaminado, em nosso ponto de vista, pela ingerência da emoção e da subjetividade, mais do que pelo distanciamento, que seria desejado na análise do historiador, ou mesmo, do jornalista. Se nem sempre o fato histórico coincide com o fato jornalístico, como naquelas manchetes escritas apenas para impactar e regidas pelo espírito do *fait divers* (Barthes, 1975), isto é, manchetes que relatam desvios, excentricidades, e se limitam ao presentismo do momento, hoje, teríamos, além do acontecimento histórico e do acontecimento jornalístico, o acontecimento midiático por excelência, aquele que vai ser construído nas redes sociais, de forma coletiva e engajada, e que nem sempre segue os cânones, que o fariam histórico ou jornalístico. No entanto, vivemos em um momento de transição, o que significa que esses limites também estão sendo atravessados e confundidos.

3. Rememoração do 11 de setembro no *Twitter*

Antes de analisarmos a rememoração do 11 de setembro, é importante frisar o papel da *internet*, mas, principalmente, das redes sociais, *Twitter* incluído, na disseminação de informação, no mundo atual, e, conseqüentemente, nos processos de lembrança e esquecimento. As redes



sociais, assim como o *Twitter* e os *blogs*, distribuíram o poder de comunicação e mobilização entre um maior número de pessoas. A comunicação não é mais unilateral, através dos grandes portais de notícias, pois qualquer pessoa pode ser fonte e irradiador de notícia, seja através de um *blog* ou das redes sociais, incluindo o *Twitter*. O sujeito já não é mais mero espectador, mas participante do processo de comunicação. Estamos de acordo com Malini e Antoun (2013, p. 153), quando afirmam que o que se discute hoje é “o poder das mídias irradiadas de massa em relação às mídias distribuídas de multidão. Hoje cada vez mais se explora e se esgarça o confronto entre os veículos da informação massiva e as interfaces da comunicação coletiva”. Segundo esses autores, com o surgimento da *internet*, principalmente da *web 2.0*, há uma quebra do monopólio da informação, pois qualquer usuário pode se comunicar utilizando a *internet*.

Lotan et al (2011) apontam que não podemos deixar de ressaltar a evolução que houve em relação ao papel das mídias tradicionais ao cobrir um determinado fato dos atores emergentes, que produzem e interpretam as notícias, compartilhando-as no *Twitter* e no *Facebook*. Para os autores, as redes sociais, sobretudo o *Twitter*, possibilitam comunicação rápida e ágil, qualidades essenciais, quando se trata de mobilizar um maior número de pessoas. Marlow (2005), que estudou a dinâmica da comunicação nos *blogs* e redes sociais, descreve como a “contaminação” acontece nessas mídias. Para este autor, as trocas informais entre amigos, familiares e conhecidos desempenham um papel crucial na disseminação de notícias e opinião, por isso a importância das redes sociais na mobilização de uma causa.

Para efetuar com sucesso uma mobilização, seja na *internet* ou fora dela, o importante é abranger um maior número de pessoas. E, para isso, quanto maior o número de conexões que a pessoa possui, maior é a força de mobilização de

uma rede. Barabási (2009), em obra publicada originalmente em 2002, estudou a questão dos conectores em um sistema de redes. Utilizando a teoria dos Seis Graus de Separação, formulada por Frigyes Karinthy, em 1929, e retomada por Stanley Milgram, em 1967, Barabási afirma que alguns nós das redes possuem mais conexões do que outros nós. Estes seriam os conectores (*hubs* em inglês), por onde trafegam mais informações do que em outros nós⁵. Nas redes sociais *online* o sistema é o mesmo. Quanto mais contatos o usuário tem em sua rede de amigos, maior é a possibilidade de seus *posts* serem compartilhados e curtidos por um maior número de pessoas.

Um perfil no *Twitter*, que fez a seguinte pergunta, no dia 11 de setembro de 2019: “Vocês se lembram onde estavam e o que estavam fazendo no dia 11 de setembro de 2001?”, pertencente a uma blogueira de esquerda com alta capilaridade no *Twitter* (mais de 45 mil seguidores), obteve 223 comentários específicos sobre as lembranças desse dia. Analisamos os comentários desse *tweet*, para entender a dinâmica das lembranças e esquecimentos na *internet* e apresentamos abaixo nossas considerações. (gráfico 1)

A maioria lembra-se de coisas específicas desse dia, sendo que 168 pessoas, num total de 223, lembram-se exatamente do que estavam fazendo nesse dia, 27 pessoas ainda não eram nascidas, e 19 eram bebês, na ocasião. Apenas nove pessoas não se lembram de absolutamente nada do que aconteceu nesse dia. Por ser um fato com imensa força midiática e pela vigorosa presença televisiva, no momento do acontecimento, é muito raro encontrar pessoas que não se lembram do evento. Mesmo aquelas que estavam trabalhando, e não puderam ver pela TV o momento exato do embate com as torres (35 do total de 223), recordam-se desse fato. A maioria dos comentários

⁵ Sobre isso, ver interessante estudo de Doerr et al (2012) analisando como um boato se espalha nas redes sociais, utilizando um diagrama matemático proposto por Réka & Barabási (2002).

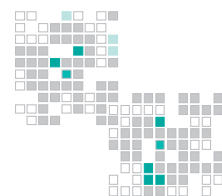


Gráfico 1. Lembranças sobre o 11 de setembro de 2001.



de quem estava trabalhando diz respeito à questão de ter ouvido falar e de ligar algum aparelho de TV ou de rádio para acompanhar o evento. Desse grupo, um internauta lembrou-se que o portal UOL teve problemas nesse dia, devido ao alto número de acessos simultâneos. Ainda não havia redes sociais e as informações pela *internet* eram acessadas via portais de informação, sendo o UOL o mais consultado no Brasil. Um fato de tremenda importância, como o 11 de setembro, deixa marcas na memória individual e coletiva

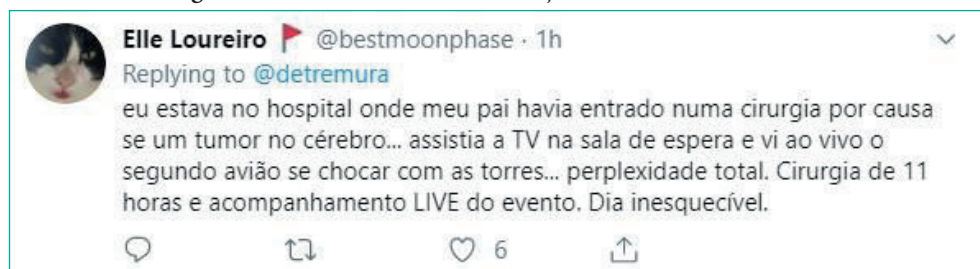
daqueles que o vivenciaram. Muitos historiadores, inclusive, afirmam ser o marco do final do milênio e início de outro, pois ele em si é um marco de um tempo histórico preciso. Quem já era adulto, naquele período, possui recordações mais nítidas dos eventos, do que quem era criança. Vinte e oito pessoas não apenas se lembraram do evento, mas especificaram exatamente o que faziam no momento exato dos acontecimentos. Seleccionamos três desses comentários que apresentamos a seguir:

Figura 1. Comentário sobre lembranças do 11 de setembro de 2001.



Fonte: Twitter.

Figura 2. Comentário sobre lembranças do 11 de setembro de 2001.



Fonte: Twitter.

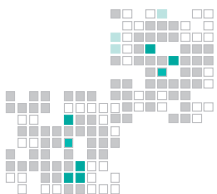
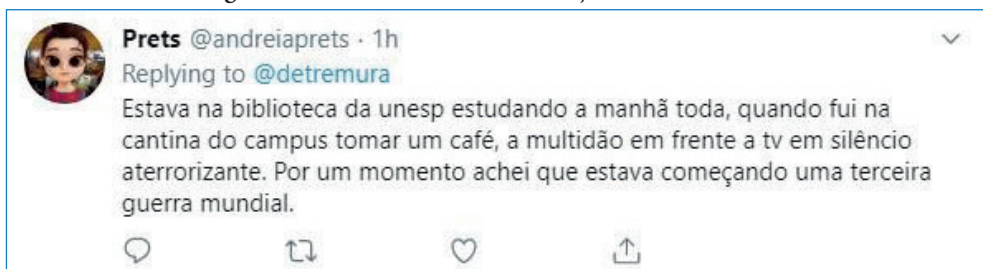


Figura 3. Comentário sobre lembranças do 11 de setembro de 2001.



Fonte: Twitter.

Foi através da TV que a maioria das pessoas se informou naquele momento. A vinheta do plantão de Rede Globo é apontada por muitos como o fator decisivo para ficarem atentos ao noticiário, pois sabiam que era uma catástrofe. Alguns lembram dos fatos narrados pelo jornalista Carlos Nascimento, âncora do *Jornal Hoje*, que estava no estúdio, no momento dos ataques, e ficou o restante do dia, na transmissão dos acontecimentos. Muitos dos comentários apontam o medo do desencadeamento de uma terceira guerra mundial, a partir daqueles acontecimentos. É importante observar, aqui, a hegemonia da TV, no início do século XXI, antes da entrada das redes sociais na rotina da circulação das informações entre a população.

No entanto, a maioria dos comentários são de pessoas que, naquela ocasião, eram crianças, e fo-

ram divididas em dois grupos: o primeiro deles, de crianças pequenas que assistiam à TV no momento dos ataques, sendo, nesse caso, 59 comentários. O segundo grupo de crianças, já em fase escolar, estava em aulas no momento dos ataques, mas se lembra de ter visto as imagens, depois, na TV em casa ou em um bar a caminho de casa, num total de 37 comentários. Em relação ao grupo de crianças, que viram em casa, na TV, desse total de 59 comentários, 21 se lembram exatamente que programa viam naquele momento. (gráfico 2)

O maior número dos que lembram do programa afirmam que assistiam *Dragon Ball Z* no momento (10 ao todo) e a *TV Globinho* (8 ao todo). Como, todos os anos, a mídia relembra o 11 de setembro, já existem questionamentos sobre se essas lembranças são fabricadas, principalmente

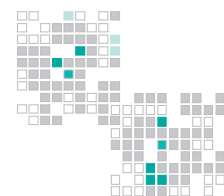
por se tratarem de pessoas que, na época, eram muito pequenas, e cujas lembranças se confundem com imagens da TV replicadas à exaustão. No caso do Brasil, duas matérias sobre o assunto já provaram que *Dragon Ball Z* não estava sendo exibido no exato momento e que se trata de uma lenda urbana⁶. Conforme os artigos apontam, o desenho era normalmente exibido às 11 horas, mas, pela cronologia da própria TV Globo, às 10

Gráfico 2. Programa de TV no momento dos ataques.



Fonte: Próprias autoras.

6 <https://m.natelinha.uol.com.br/noticias/2015/09/11/atentados-de-11-de-setembro-nao-interromperam-dragon-ball-z-na-globo-92432.php>
<https://www.omelete.com.br/series-tv/dragon-ball-z-11-de-setembro-mentira>



horas, o jornalista Carlos Nascimento comandou a apresentação das notícias e a programação normal foi cancelada.

Uma pesquisa, efetuada nos Estados Unidos, entrevistou várias pessoas que afirmavam categoricamente fatos sobre o 11 de setembro, que provaram não serem totalmente verdades. Num desses depoimentos, uma moça lembra que viu a fumaça do incêndio sobre a água do estuário de Long Island, atrás do edifício da escola onde estudava, naquela época⁷. No entanto, verificou-se que a sala, onde estudava, não estava exatamente de frente para o rio Hudson, e que a fumaça não foi naquela direção. Então, por que esse tipo de lembrança foi armazenada na memória dessas crianças como se tivesse realmente acontecido nesse dia? Em primeiro lugar, é preciso entender que, no caso dessas lembranças, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos, as pessoas que se recordam eram pequenas na época, e é muito fácil confundirem suas próprias lembranças, daquelas que alguém contou ou que viu na TV, principalmente, se são bombardeadas com muitos elementos midiáticos.

Segundo Huyssen (2000), o excesso de informação comunicado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário e relegar ao esquecimento essa memória dos acontecimentos. Huyssen questiona se esse excesso de memória não acabaria produzindo um “explosivo” esquecimento e que muito do que consumimos hoje como memórias de massa seriam “memórias imaginadas”. Além disso, a memória não é um mecanismo exato e preciso. Quem trabalha com memória sabe que não há discussão sobre o conceito de verdade, mas sobre o de lembranças e visões de mundo. No entanto, na contemporaneidade, seria necessário, diante da ameaça aos direitos humanos, configurada pela proliferação das notícias falsas, ou *fake news*, pensarmos mais

seriamente nas consequências das memórias falsas, ou *fake memories*, que são recirculadas de forma descontrolada nas redes sociais? A existência de memórias falsas nem sempre é vista como um problema por pesquisadores do campo da Psicologia, por exemplo. Às vezes, a invenção é um artifício para sermos mais bem aceitos em nosso círculo social (Ball, 2019), mas, dependendo do teor da lembrança e da forma em que ela é compartilhada, inclusive por robôs, seu efeito pode ter resultados desastrosos.

4. Considerações finais

As memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro, pois “a memória dá ao homem a ilusão de uma unidade com seu passado, mas o faz sempre da perspectiva do presente” (Campos, 1992, p, 51). O processo de contar e recontar episódios de nossa vida pode ser feito de várias formas, em livros autobiográficos, diários, etc. As memórias registradas em livros, ou mesmo através da *internet*, não podem ser dissociadas de um processo ficcional, pois ninguém recorda e registra exatamente como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou. Mas, se a memória não é precisa, como confiar nas narrativas, por exemplo? Na verdade, é preciso entender que a memória é humana e é permeável pelos acontecimentos. Mas o que diferencia então os acontecimentos do passado para os de agora?

A rememoração sempre esteve presente na história, mas a *internet*, e, principalmente, as redes sociais reforçam esse mecanismo. A memória, enquanto lembrança e esquecimento, é influenciada pelas mídias e pode proporcionar cada vez mais memórias imaginadas, como afirma Huyssen (2000). Além disso, um mesmo fato narrado num determinado momento pode ter novas dimensões a partir de um distanciamento temporal. Alessandro Portelli (2006) apresenta como um mesmo episódio da Segunda Guerra Mun-

⁷Depoimentos ao documentário sobre a Memória, na série *The Mind Explained* da Netflix.

dial teve significados diferentes, décadas depois, nas narrativas daqueles que o vivenciaram. Isso nos alerta que a construção das narrativas por nossa memória é permeada por diversos elementos que lhe dão forma e que as memórias não são isentas de ideologias e sofrem interferências dos elementos de seu próprio meio.

Segundo Virilio (2006), a *internet* fez surgir uma nova memória: a memória do presente. Essa memória é aquela do imediatismo, dos acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo. Nesse sentido, ao postar um comentário no *Twitter* ou no *Facebook*, sobre uma obra de arte vista num museu ou um fato ocorrido naquele momento, estamos produzindo uma memória do presente. O registro e o compartilhamento quase instantâneo de uma ação não permite o distanciamento temporal entre presente e passado, o que faz parecer que a memória é complemento, ou, como afirma Virilio (2006, p. 94) “a memória é uma linguagem, um utensílio de comunicação”. Como consequência, essa memória instantânea da *internet* parece lutar o tempo todo contra o esquecimento, ao optar por um transbordamento ou um retraimento (Le Goff, 2000). O transbordamento dá-se quando há um excesso de informações, que consequentemente acaba gerando esquecimento por causa de sua banalidade. E um retraimento

quando determinado fato deixa de ter relevância ao competir com outros tantos no esforço para se sobressair frente ao volume de informações que circulam na *internet*. No entanto, os excessos rememorativos das redes sociais ao mesmo tempo que podem causar memórias imaginadas e fazer proliferar *fake news* e consequentemente *fake history*, também podem servir de antídoto contra esses movimentos. Isso se dá na medida em que a competição pela relevância acaba reforçando algoritmos frente ao volume de informações circulando no ciberespaço. Assim, quanto maior o volume de circulação de informações sobre determinado fato, maior a probabilidade de se evitar enganos e distorções. Vivemos um momento de transição de gerações totalmente analógicas para gerações completamente digitais. Para os nativos digitais, tal como designa Prensky⁸, o fato histórico e o fato midiático têm o mesmo peso, uma vez que a informação é instantânea e ao mesmo tempo exaustivamente compartilhada pelas redes sociais. Assim, o fato histórico e o fato midiático se fundem num só elemento, produzindo novas memórias e novas narrativas sobre si mesmo.

8 Expressão criada pelo educador canadense Marc Prensky (2001), “nativo digital” define pessoas que nasceram após o advento da *internet*, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta tecnologia em sua fase adulta

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *As formas do esquecimento*. Almada: Íman Edições, 2001.

BALL, Philip. “Memórias falsas: por que experimentamos truques da mente”. In: *Science Focus* (2019). Disponível em: <<https://www.sciencefocus.com/the-human-body/false-memories-tricks-of-the-mind/>>. Acesso em 1 out. 2019.

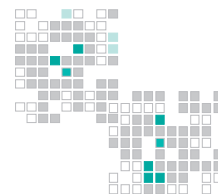
BARABÁSI, Albert-László. *Linked: a nova ciência dos networks*. São Paulo, Hemus, 2009.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Paris: Armand Colin, 1974.

BORGES, Jorge Luís. “Funes, o memorioso”. In: *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989.



- BURKE, Peter. "História como memória social". In: *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.
- CAMPOS, Marta. *O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava*. Fortaleza, Edições UFC, 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, Campinas: Fapesp, 1994.
- GAULEJAC, Vincent de. "L'histoire de vie, ou le temps recomposé". *Sociétés*: 18, Maio (1988). p. 5-7.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Vol. 1 – História. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LOTAN, Gilad et alii. "The Revolutions Were Tweeted: Information Flows During the 2011 Tunisian and Egyptian Revolutions". *International Journal of Communication* 5 (2011). Feature 1375-1405. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235354320_The_Revolutions_Were_Tweeted_Information_Flows_During_the_2011_Tunisian_and_Egyptian_Revolutions>. Acesso em 26 set. 2019.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MARLOW, Cameron A. *The Structural Determinants of Media Contagion*. Massachusetts Institute of Technology, 2005. Disponível em: <<http://alumni.media.mit.edu/~cameron/cv/pubs/Proposal061404.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- NEVES, Lucília. "Memória, história e sujeito: substratos da identidade". *Revista da Associação Brasileira de História Oral*. nº 3, Junho (2000). p. 109-116.
- NORA, Pierre. "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux". In: *Les lieux de mémoire*. Vol. 1. – La République. Paris: Gallimard, 1984. p. XV-XLII.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): o mito, política, luto e senso comum". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina. *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants – Part II: Do They Really Think Differently?* In: MCB University Press, Vol. 9 No. 6, December 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2019.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- VIRILIO, Paul. "O paradoxo da memória do presente na era cibernética". In: CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

